

A Escola Municipal Tiradentes, fundada em 1933, é a instituição que pode ser considerada remanescente das classes multisseriadas, no espaço rural de Novo Hamburgo. [...] A escola e a Igreja da localidade foram construídas na área de terra que pertence à família Scherer e, em virtude disso, as missas eram também um importante motivo para se reunir a comunidade, conversar e socializar as informações em todo o bairro.

José Edimar de Souza

Práticas docentes e a educação religiosa em escolas no meio rural (Novo Hamburgo/RS)

Teacher practices and religious education in schools in countryside (Novo Hamburgo/RS)

JOSÉ EDIMAR DE SOUZA*

Resumo

O objetivo deste estudo é reconstituir, a partir das memórias de práticas pedagógicas de três professores, como a educação religiosa se desenvolveu, no espaço rural de Novo Hamburgo/RS na primeira metade do século XX. As memórias são analisadas sob a perspectiva do “tempo social”, envolvendo recordações coletivas desse grupo de sujeitos. A pesquisa, de natureza qualitativa, utiliza a metodologia da História Oral, valendo-se ainda da análise documental. O referencial teórico sustenta-se na perspectiva da História Cultural. A análise enfatiza a dimensão das memórias na constituição docente e ressalta como o catecismo religioso evidencia uma possível marca de identidade profissional cuja representação vocacional é entendida como prática cultural arraigada aos sujeitos.

Palavras-chave: Práticas pedagógicas. História da educação. Educação religiosa. Ensino rural.

Abstract

The objective of this study is to reconstruct, from the teaching practices memories of three teachers, how religious education was developed in rural areas of Novo Hamburgo/RS in the first half of the twentieth century. Memories are analyzed from the perspective of “social time”, involving collective memories of this group of subjects. The research was qualitative, using the methodology of oral history and document analysis. The theoretical

* Doutor em Educação, Pós-doutorando em Educação na UNISINOS, RS, Brasil; Professor de Ensino de História na Universidade Federal da Fronteira Sul/UFFS, RS, Brasil; Integra o Grupo de Pesquisa EBRAMIC – Educação no Brasil: memória, instituições e cultura escolar; Email: profedimar@gmail.com

framework rests on the prospect of Cultural History. The analysis emphasizes the dimension of the memories in the teaching constitution and highlights how religious catechism evidences of a possible brand of professional identity whose vocational representation is understood as rooted cultural practice by the subjects.

Keywords: Pedagogical practices. History of education. Religious education. Rural education.

Introdução

Este trabalho pretende discutir, a partir de algumas memórias, como as práticas pedagógicas de três professores de classes multisseriadas, no contexto rural de Lomba Grande, município gaúcho de Novo Hamburgo, produziram um modo de desenvolver suas aulas de educação religiosa. A partir das memórias analisadas, construiu-se a reflexão sob a ótica da História Cultural, cujas práticas e representações foram definidoras de uma cultura local identificada, principalmente, com o fato de terem exercido além do magistério, a catequese como prática social nas suas comunidades.

A perspectiva do tempo das trajetórias dos professores investigados é compreendida a partir do sentido em que cada sujeito expressa para sua prática. Assim, as trajetórias se entrelaçam e constituem posições, codificadas e relacionadas à densidade das memórias. Portanto, utiliza-se a perspectiva do Tempo Social de Halbwachs (2006) ao considerar a convivência social e em grupo como definidora de uma representação coletiva sobre o tempo.

A Memória, não sendo a História, é um dos indícios, documentos de que se serve o historiador para produzir leituras do passado, do vivido pelos indivíduos, daquilo de que se lembram e esquecem, a um só tempo. A memória exerce um trabalho sobre o tempo, mas, sobretudo o tempo vivido, conotado pela cultura e pelo indivíduo e, esse tempo não figura uniformemente, segue a lógica das heranças e tradições (VILAS BOAS, 2008).

Escolhas teóricas e metodológicas

A proposta deste estudo é reconstruir, mesmo que de modo fragmentado, aspectos de como as aulas de educação religiosa contribuíram para construção da prática pedagógica de três professores rurais, em Novo Hamburgo. Dessa forma, problematizaram-se como as práticas foram reapresentadas pelas narrativas orais que emergiram de suas memórias.

Amado (1995) argumenta que a experiência como prática vivida, que remete à concretude da experiência de um indivíduo ou de um grupo social, constitui um substrato da memória que se reelabora constantemente, ou seja, nunca termina. As narrativas, segundo Amado (1995), retratam um cenário, considerando-se que, ao trazer o passado até o presente, recriamo-lo à luz do presente, ao mesmo tempo em que o projetamos no futuro. Stephanou (2011) complementa refletindo que o que lembramos/esquecemos não é

uma realidade passada e ainda tangível, tampouco acessível na imediatez da narrativa. Escrevemos e dizemos o que pensamos ter vivido, o que pensamos ter sentido, o que imaginamos ter experimentado.

Halbwachs (2006) aponta que as lembranças podem, a partir da vivência em grupo, ser reconstruídas ou simuladas. Podemos criar representações do passado assentadas na percepção de outras pessoas, no que imaginamos ter acontecido ou na internalização de representações de uma memória histórica. Distante de agregar a este trabalho um valor que recupere memórias de todo um percurso profissional, e até mesmo da história da educação religiosa, a problematização consiste em conhecer um pouco sobre como estas práticas têm influenciado estes sujeitos na constituição de práticas pedagógicas para docência multisseriada no contexto rural.

Nesta investigação, optou-se pela entrevista semiestruturada utilizando-se da metodologia da História Oral. Utilizou-se essa modalidade de entrevista a partir de um roteiro com dez questões com foco nas práticas pedagógicas docentes. Inicialmente, questionou-se quanto à sua primeira escolarização; a seguir, quanto a momentos marcantes da ação docente; e, posteriormente, como sua prática foi consolidada.

As práticas são criadoras de “usos ou de representações” que não são de forma alguma redutíveis à vontade dos problemas de discursos e de normas, encontram-se na construção de uma cultura (CHARTIER, 2002). O modo como os professores desenvolveram suas práticas sociais figuraram como “[...] modos de viver, trabalhar, morar [...]”. Assim, a cultura é sempre tomada como expressão de todas as dimensões da vida, incluindo valores, sentimentos, emoções, hábitos [...]” (OLIVEIRA, 2004, p. 272).

A cultura local revelou uma forma de organização coletiva que incluiu o rural como lugar de pertencimento frente às representações postas pelo “mundo social” urbano. Para esses professores, pertencer ao campo representou “[...] identidade construída [...] mostrada e reconhecida [...]” pela força da oralidade, dos discursos que denunciaram a margem imposta por uma organização baseada na cidade (CHARTIER, 2002, p. 11). A imposição do mundo social urbano contribuiu para fortalecer a representação construída de que no espaço rural se desenvolveram os “ofícios de valor menor”, ou seja, a agricultura em contraste com o progresso impresso pela modernidade (BURKE, 2005, p. 50).

As memórias do trabalho em classes multisseriadas representaram como o ensino se desenvolveu em uma parte do município, o que configurou um conjunto de significações, historicamente inscritas e que se expressaram de forma simbólica em um “saber-fazer”, capaz de perpetuar e desenvolver a cultura, a instrução e o conhecimento.

No âmbito das representações e da produção de sentido, as entrevistas são tratadas como encontros sociais, nos quais conhecimentos e significados são ativamente construídos no próprio processo da entrevista; entrevistador e entrevistado são, naquele momento, co-produtores de conhecimento.

Participação, neste nível de interação, envolve ambos em um trabalho de produção de sentido, no qual o processo é tão importante para a pesquisa como o é o sentido produzido.

Quanto à análise de documento, Pimentel (2001) argumenta que representa uma interpretação de fatos elaborados por seu autor, e, portanto, não devem ser encarados como uma descrição objetiva e neutra desses fatos. A análise é sempre um processo interpretativo e construído historicamente.

A educação religiosa nas memórias de práticas docentes em horizontes rurais

Este estudo problematiza como a Educação Religiosa perpassou as trajetórias de três professores de classes multisseriadas, na região rural de Novo Hamburgo. As memórias, evocadas no momento da realização das entrevistas para investigação mais ampla, desenvolvida no curso de mestrado em educação na Unisino, possibilitou recompor, mesmo que de forma fragmentada, elementos que permitam conhecer e compreender como as práticas pedagógicas de professores unitaristas se desenvolveu neste município.

A prática da educação religiosa representa uma relação profunda com os primórdios da educação de um geral no Brasil. Hansen (2000) argumenta que o ensino na colônia, a partir do *Ratio studiorum* foi um legado cultural que, mesmo diante das reformas pombalinas e no contexto nacional o advento da república, manteve-se até a primeira metade do século XX. O propósito moral, civilizador e dos bons hábitos e costumes caracterizou-se como um aspecto recorrente nas memórias dos professores investigados. Nas comunidades rurais, como em Novo Hamburgo, os valores do “comunitarismo” e da “expansão e conversão” de novos adeptos ao catolicismo se contrapõem ao fato da importante presença germânica evangélica no lugar.

A Igreja, tanto a católica como a evangélica, parece ter bem cumprido sua finalidade neste espaço rural. Na primeira metade do século XIX, constatam-se as primeiras Aulas que havia em Lomba Grande, uma que funcionava no espaço cedido pela comunidade evangélica (Casa Pastoral) e a outra no salão da comunidade católica São José. Além dessas, cabe ressaltar que existiram aulas particulares e também uma Aula Pública (SOUZA, 2012).

Considerando este aspecto, é pertinente refletir sobre como a prática da educação religiosa permaneceu sendo um requisito importante mesmo sob a ótica da “escola da república” (TEIVE; DALLABRIDA, 2011), ou seja, da proposta de laicização do ensino público que se disseminou a partir da construção dos “grupos escolares” (BENCOSTTA, 2005).

Cabe destacar que a Igreja foi uma importante aliada do Estado, na primeira metade do século XX. Para Bastos (2005), a implantação da República no Rio Grande do Sul foi um processo difícil e conflituoso. Durante a chamada República Velha (1889-1930), no Estado, prevaleceram as representações

sustentadas no discurso de um ensino “leigo, livre e gratuito” que incluía o ensino elementar e complementar. A instrução pública estava vinculada à Secretaria do Estado dos Negócios do Interior e Exterior, mas o poder decisório competia ao presidente do Estado.

A visão positivista perpassou as práticas de escolarização e influenciou na organização das instituições e dos materiais pedagógicos. O princípio da liberdade contribuiu para a “estrangeirização” da educação rio-grandense, pois ela deveria ser, preferencialmente, particular e estar a cargo da comunidade. Esta visão constituía-se como “uma das molas propulsoras do progresso social” e desenvolvimento da Nação (BASTOS, 2005). Nesse sentido, o pouco investimento do Estado em educação e, de modo geral, uma educação no espaço rural, possibilitou a construção de uma identidade específica que entrecruzou experiências e valores: étnico, cultural e agrícola nas diferentes comunidades rurais, associados à Escola pública primária elementar.

Cunha (2009) argumenta que, durante o Estado Novo Brasileiro, a Igreja foi uma das principais aliadas da Escola Primária para divulgar os preceitos de moral e civildade e inspirar o nacionalismo cívico. Pretendia-se levar o Brasil à modernidade moldando os sujeitos e educando-os em condutas, boas maneiras, regras e comportamento ordeiro, cosmopolita para que tivessem a conduta esperada pela “boa sociedade”.

No contexto rural, o projeto “civilizador” e “republicano” parece ter constituído característica própria (CUNHA, 2009). Além disso, as aulas multisseriadas perpassaram o século XX e em alguns lugares ainda constituem a forma possível de escolarização frente a toda adversidade das condições físicas. Desse modo, como argumenta Kreutz (2001), Dreher (2008) e Arendt (2008), a influência cultural das escolas comunitárias, transformadas posteriormente em escolas públicas municipais, representou a tradição de um legado cultural arraigado nas práticas destes professores, evidentemente ressignificado a partir da interpretação e do modo pelo qual elaboravam suas aulas, processo que também permite uma reflexão de si, dos seus valores e dos que julgavam adequados para aquele espaço e tempo.

Uma prática marcante, evidenciada dentre as memórias dos professores, foi a aula de Educação Religiosa. No Grupo Escolar de Lomba Grande, as aulas que existiam no lugar foram reunidas em 1939 e originaram o Grupo em 1942; os católicos tinham aula com o padre e os evangélicos com o pastor da comunidade protestante. No interior, era comum também a realização de missas e/ou aulas de catequese. Nas localidades, acontecia a visita itinerante do padre e do pastor, porém, quanto à educação religiosa, para os católicos, na falta do padre, as aulas ficavam a cargo dos “mestre escola” (KREUTZ, 2001).

A professora Élia Maria Thiesen recordou que havia aula de Educação Religiosa, em São Leopoldo, na Igreja Católica Medianeira, conforme fotografia 1.

**Fotografia 1- Um dia de educação religiosa, em 1949.
Feitoria, São Leopoldo**



Fonte: Acervo pessoal da professora Élia Maria Thiesen, 2010.

A fotografia 1 registra que a aula de Educação Religiosa era ministrada pelo padre. Nesse momento, a professora acompanhava os alunos até a Igreja. Porém, em algumas localidades, não havia escola e nem Igreja, fato que figurava a itinerância dos padres e seminaristas, que percorriam diferentes localidades atendendo os fiéis. A missa acontecia, periodicamente, no domicílio de autoridades do lugar, como se evidencia na fotografia 2, quando o padre ministrava aulas de catequese e realizava sua pregação na residência dos Daudt e Schwindt.

**Fotografia 2 - Um dia de catequese, padre, Élia e a
professora da escola, década de 1950**



Fonte: Acervo pessoal da professora Élia Maria Thiesen, 2010.

*Conhecimento & Diversidade, Niterói, v.7, n. 14, p. 73-84
jul./dez. 2015*

Em São Leopoldo, a professora Élia lembrou que foi catequista, antes mesmo de ser professora. Era uma possibilidade para ensaiar a prática de ensino, mesmo que fossem os princípios do catolicismo. Observa-se, na fotografia 2, que a professora da turma escolar acompanhava e auxiliava o padre e a catequista, que nessa época era Élia. Quando as missas aconteciam em residências, antes dos fiéis retornarem para suas casas, os anfitriões ofereciam uma “merenda” (cucas, chá e/ou um café), para os vizinhos que participavam da celebração, pois era hábito o jejum para comungar.

A vivência desta experiência possibilitou apropriar-se de importantes saberes e que, no momento em que iniciou sua “vida de professora”, Élia utilizava em suas aulas de Educação Religiosa.

Élia desenvolveu sua trajetória docente na localidade de São Jacó, no bairro Lomba Grande, no período de 1958-1983. Como professora de classe multisseriada desempenhava diferentes funções: regente (direção da escola); professora e, nos primeiros tempos, também responsável pela manutenção do espaço físico.

A aula de Educação Religiosa que inicialmente era ministrada pelo padre, com o passar do tempo, no final da década de 1950, passou a ser ministrada por ela, cuja experiência como catequista favoreceu o ensino dos valores cristãos.

Outra professora que rememorou ter ministrado aulas de educação religiosa foi a professora Maria Gersy Höher Thiesen. Ela desenvolveu sua trajetória em diferentes localidades deste bairro rural de Novo Hamburgo, no período de 1940 a 1969.

A professora Gersy, também lembrou situações que acentuaram as relações de poder, como ela resume, “sempre fiz o enfrentamento e disse o que pensava, agradando ou não às autoridades, porque fui professora”, e isso fez parte das características da sua forma de compreender o trabalho docente. Gersy lembra que os entraves na sua trajetória docente, se referem às relações com a Igreja e com a mantenedora.

Como uma atribuição do trabalho docente, a professora Gersy recordou que foi catequista e recebeu muitos elogios do padre que atendia a localidade, pela maneira de preparar as crianças para a primeira comunhão. Ela lembra: “[...] dentro daquela sala de escola, foi feita a 1ª comunhão da turma de São Jacó. [...] o padre me botou nas alturas. [...] depois eu virei o demônio porque [...] não gostou do José, porque contestou ele [...]”.

Depois desse incidente de motivação política, outros episódios marcaram a trajetória de Gersy. Quando estava na Escola Expedicionário João Moreira e foi pedir um armário para guardar os livros e materiais das suas aulas, escreveu para a Orientadora do Ensino daquele período, que era a professora Iracema Brandi Grin: “Vocês decerto sabem que as missas são realizadas dentro da minha sala de aula e eu não quero que alguém mexa nos livros e pedi então um armário” (Gersy).

A professora Gersy recorda que a prática das missas também aconteceu

na Escola Expedicionário João Moreira, na localidade de Santa Maria. Ela e sua comadre Ilse Becker é que compravam cucas e ofereciam aos alunos e à comunidade que acompanhava a missa, principalmente, no período em que a Igreja de madeira foi destruída para construção de uma nova, de alvenaria. Nessa época (1950), o espaço da sala de aula servia, também, de altar para pregações do padre da comunidade.

De modo geral, a experiência da catequese foi uma forma de experimentação docente, bem como, figurou o contexto das práticas em classes multisseriadas nas diferentes localidades de Lomba Grande. Sobre esse aspecto a professora Gersy resume “lá a Gersy também era professora, [...] pau pra toda obra, inclusive [...] vacinar eu fiz [...]. Era de catequese, era de tudo, de alfabetizar [...]”. A catequese incorporava-se às atribuições docentes, até porque, a lógica operante na sociedade, caracterizava-se pela exaltação à figura do professor, em favor da vocação, da incondicional responsabilidade, que chamava para si, em dedicar-se, de corpo e alma, à missão de preparar homens para Deus e cidadãos para a Pátria (FISCHER, 2005).

As memórias do professor Sérgio José Scherer possibilitam compreender como as aulas de educação religiosa foram apropriadas por ele e desenvolvidas no momento em que ensinava educação moral e cívica. Mesmo ele tendo desenvolvido sua trajetória docente entre 1960-1993, no final da década de 1950 ele exerceu por um curto período a docência na localidade do Morro dos Bois.

O professor Sérgio é filho da professora Maria Hilda, falecida em 2007, fundadora da Escola Municipal Tiradentes, em 1933. Esta é a instituição que pode ser considerada remanescente das classes multisseriadas, no espaço rural de Novo Hamburgo. Sobre as suas práticas, ele rememora que preparava aula de ensino religioso a partir dos conhecimentos bíblicos e morais, além de ter sido catequista. A escola e a Igreja da localidade foram construídas na área de terra que pertence à família Scherer e, em virtude disso, as missas eram também um importante motivo para se reunir a comunidade, conversar e socializar as informações em todo bairro. Burke (2005) faz uma alusão aos decretos e mensagens que eram lidos nos púlpitos desde a Idade Média na Europa. Elemento semelhante é recuperado pelas lembranças de Sérgio, quando os meios de transporte e comunicações ainda eram precários nesta localidade.

Na segunda metade do século XX, a educação religiosa, pelo menos para Sérgio, foi utilizada para ensinar “moral cívica e correta”, necessária ao momento político que vivia o país. Ele recorda: “E depois que entrou a Moral e Cívica, isso pra mim foi fichinha, como eu disse, eu adorei o regime militar. O civismo está apegado à religião. Eu pregava na aula de religião civismo também”.

As representações construídas pelo professor Sérgio, referentes ao período militar, remetem às percepções de um grupo de sujeitos cujo

sentimento da “vocação” para a docência conduziram e procuraram moldar comportamento, normas e condutas sociais. Os professores no meio rural, em Lomba Grande procuravam atender às diretrizes dos Orientadores do Ensino, da administração direta. Além disso, nem todos possuíam formação específica para o magistério e muitos professores que eram contratados dependiam do bom relacionamento com a mantenedora para que o contrato fosse renovado no ano seguinte.

Nesse sentido, as normas, regras e/ou orientações colaboraram para que os docentes agregassem discursos ideológicos e elaborassem formas de pensar homogêneas que se evidenciaram nas narrativas rememoradas durante as entrevistas. É pertinente ressaltar que tais práticas sociais foram disseminadas como correta, moralmente aceita e adequadas, em detrimento de outro tipo de prática político-ideológica, que supostamente ameaçava a ordem, a moral e os bons costumes defendidos pelo capitalismo liberal, após a Segunda Guerra Mundial.

A experiência da catequese foi uma forma de experimentação docente, bem como ilustrou o contexto das práticas em classes multisseriadas nas diferentes localidades de Lomba Grande. A catequese incorporava-se às atribuições docentes, até porque, a lógica operante na sociedade caracterizava-se pela exaltação à figura do professor, em favor da vocação, da incondicional responsabilidade, que chamava para si, em dedicar-se de corpo e alma à missão de preparar homens para Deus e cidadãos para a Pátria (FISCHER, 2005).

Considerações finais

A partir das memórias destas práticas, constatou-se que as narrativas expressaram uma “sagrada missão ao magistério” e que essa sublime missão tinha nos seus professores a responsabilidade, não só pelo preparo de futuros cidadãos para a pátria, mas também de futuros herdeiros para o céu. A lógica do magistério, como sacerdócio/missão, perpassou a formação profissional desses sujeitos. Viver de forma ‘digna’, respeitando a pátria, atribuiu ao professor uma imagem ordeira e leal, cuja obra não era deste mundo. Professor, não há como recompensá-lo, sua missão era considerada “transcendental” (FISCHER, 2005).

A composição da docência, para esses sujeitos, desenvolveu-se a partir da “inscrição nas práticas específicas” que foram produzidas e apropriadas pela tradição cultural do seu grupo social, bem como, pela vocação moral que se expressava por meio de uma tradição religiosa nessa comunidade (BURKE, 2005). Caberia refletir, como ainda hoje, em muitas comunidades pelo país, sobre as missões, e até mesmo a Igreja ainda é responsável por tornar possível escola, mesmo que ela carregue consigo um propósito doutrinário.

O conjunto de memórias permitiu identificar uma visão de mundo, um “[...] conjunto de aspirações, de sentimentos e de ideias que reúne os

membros de um mesmo grupo [...]” (CHARTIER, 2002, p. 47), considerando a memória de cada sujeito como expressão da memória coletiva, moldada de diversas formas pelo meio social. Além disso, a prática da catequese imprimiu um modo de ensinar, determinando a importância social da aprendizagem e do ensino que estes professores entendiam ter a educação religiosa para se participar da comunidade, de uma vida social no contexto rural, bem como da preservação deste legado cultural local.

As memórias identificaram que a construção do saber técnico (formalizado) se mesclou às práticas construídas (informalmente, na escola, na catequese, etc.). A experiência informal demonstrou que os professores foram se construindo, estudando, inventando jeitos, truques, observando a forma de trabalhar, reproduzindo expressões e práticas.

Referências

- AMADO, J. O grande mentiroso: tradição, veracidade e imaginação em História Oral. *História*, São Paulo, n. 14, 1995, p. 125-136.
- ARENDT, I. **Educação, religião e identidade étnica: o Allgemeine Lehrerzeitung e a escola evangélica no Rio Grande do Sul**. São Leopoldo: Oikos, 2008.
- BASTOS, M. H. C. **A revista do Ensino do Rio Grande do Sul (1939-1942)**. O Novo e o Nacional em revista. Pelotas: Seiva, 2005.
- BENCOSTTA, M. L. A. (Org.). **História da Educação, arquitetura e espaço escolar**. São Paulo: Cortez, 2005.
- BURKE, P. **O que é história cultural?** Trad. Sérgio Góes de Paula. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- CHARTIER, R. **À beira da falésia: a história entre incertezas e inquietude/ trad. RAMOS, Patrícia Chittoni**, Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2002.
- CUNHA, M. T. S. Saberes impressos escritas da civilidade e impressos educacionais. (Década de 1930 a 1960). In: YAZBECK, D. C; ROCHA, M. B. M. **Cultura e história da educação: intelectuais, legislação, cultura escolar e imprensa**. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2009, p. 233-251.
- DREHER, M. N. **Breve história do ensino privado gaúcho**. São Leopoldo: Oikos, 2008.
- FISCHER, B. T. D. **Professoras: histórias e discursos de um passado presente**. Pelotas: Seiva, 2005.
- HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. São Paulo: Ed. Centauro, 2006.
- HANSEN, J. A. A civilização pela palavra. In: LOPES, Eliane Marta Santos Teixeira; FILHO, L. M. F; VEIGA, C. G. (Org.). **500 anos de educação no Brasil**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000, p. 19-42.
- KREUTZ, L. Escolas comunitárias de imigrantes no Brasil: instâncias de coordenação e estruturas de apoio. **Revista brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 15, 2001, p. 159-177.

OLIVEIRA, L. M. L. Memórias e experiências: desafios da investigação histórica. In: FENELON, Déa Ribeiro et al. **Muitas memórias, outras histórias**. São Paulo: Olho D'água, 2004. p. 263- 281.

PIMENTEL, A. O método da análise documental: seu uso numa pesquisa historiográfica. **Cadernos de pesquisa**, São Paulo, n. 114, p.179-195, nov. 2001.

SOUZA, J. E. **Memórias de professores**: história do ensino em Novo Hamburgo/RS (1940-2009). Porto Alegre: Evangraf, 2012.

STEPHANOU, M. Nem uma coisa, nem outra ou nenhuma. Re invenções e reminiscências escolares. A modo de prefácio. In: FISCHER, B. T. D. **Tempos de escola – Memórias** (Org.) São Leopoldo: Oikos; Brasília: Liber Livro, 2011, p. 11-16.

TEIVE, G. M. G.; DALLABRIDA, N. **A escola da república**: os grupos escolares e a modernização do ensino primário em Santa Catarina (1911-1918). Campinas, SP: Mercado de Letras, 2011.

VILAS BOAS, S. **Biografismo**. São Paulo: UNESP, 2008.